

marcos

plínio

NOVA REGRAS
CONSTITUCIONAIS
OABAJUR LILAS



maldito

teatro

396



(VADO APROXIMA-SE DE NEUSA SUELI, QUE ESTÁ SENTADA NA CAMA. VADO COMEÇA A ACARI-CIA-LA, ENQUANTO, DISPARCADA-MENTE, RETI-RA A CHAVE DA PORTA QUE ESTAVA NO SEIO DE NEUSA SUELI. EM PODER DA CHAVE, ELE SE ENCAMINHA PRA PORTA, ABRE-A E SAI. NEUSA SUELI, QUANDO PERCEBE QUE VADO SAIU, COR-RE ATÉ A PORTA E GRITA:)

NEUSA SUELI — Vadol... Vadol... Você vai voltar?... Você vai voltar?...

(NEUSA SUELI FICA POR ALGUM TEMPO PARA-DA NA PORTA, DEPOIS VOLTA, PEGA UM SANDU-ICHE DE MORTADELA, SENTA-SE NA CAMA, FICA OLHANDO O VAZIO POR ALGUM TEMPO. DEPOIS, PROSAICAMENTE, COMEÇA A COMER O SANDU-ICHE.)

Dois perdidos numa noite suja

peça em dois atos de PLÍNIO MARCOS

personagens

TONHO
PACO

IATO

centrico

Um quarto de hospedaria de última categoria, onde se vêem duas camas bem velhas, colchões improvisando cadeiras, roupas espalhadas, etc.

Nas paredes estão coladas recortes, fotografias de times de futebol e de mulheres nuas.

Primeiro Quadro

IPACO ESTÁ DEITADO EM UMA DAS CAMAS. TOCA MUITO MAL UMA GAITA. DE VEZ EM QUANDO, PARA DE TOCAR, OLHA PARA SEUS PÉS, QUE ESTÃO CALÇADOS COM UM LINDO PAR DE SAPATOS, COMPLETAMENTE EM DESACORDO COM SUA ROUPA. COM A MANGA DO PALETÓ, LIMPA OS SAPATOS. PACO ESTÁ TOCANDO, ENTRA TONHO, QUE NÃO DÁ BOLA PARA PACO. VAI DIRETO PARA SUA CAMA, SENTA-SE NELA E, COM AS MÃOS, A EXAMINA.)

TONHO — Ei! Para de tocar essa droga.

IPACO FINGE QUE NÃO OUVIU.)

TONHO (GRITANDO) — Não escutas o que eu disse? Para com essa porcaria!

IPACO CONTINUA A TOCAR.)

TONHO — É surdo, desgraçado?

TONHO VAI ATÉ PACO E OS ACODE PELOS OMBROS.)

TONHO — Você não escuta a gente falar?

PACO (CALMO) — Oi, você está aí?

TONHO — Estou aqui para dormir.

PACO — E daí? Quer que eu toque uma canção de ninar?

TONHO — Quer que você não faça barulho.

PACO — Puxa! Por quê?

TONHO — Porque eu quero dormir.
 PACO — Ainda é cedo.
 TONHO — Mas eu já quero dormir.
 PACO — E eu, tocar.
 TONHO — Eu paguei pra dormir.
 PACO — Mas não vai conseguir.
 TONHO — Quem disse que não?
 PACO — As palgas. Essa estorbaria está assim de palgas.
 TONHO — Digo eu sei. Agora quero que você não me perturbe.
 PACO — Poxa! Mas o que você quer?
 TONHO — Só quero dormir.
 PACO — Então pára de berrar e dorme.
 TONHO — Está bem. Mas não se metia a fazer barulho.
 (TONHO VOLTA PARA SUA CAMA, PACO RECOMEÇA A TOCAR.)
 TONHO — Pára com essa música estúpida! Não entendo que eu quero silêncio?
 PACO — E daí? Você não manda.
 TONHO — Quer sacaneca? Vai ter! Se soprar mais uma vez essa doenga, vou quebrar essa poscaria.
 PACO — Estou morrendo de medo.
 TONHO — Se duvida, toca esse troço.
 (PACO SOPRA A GAITA. TONHO PULA SOBRE PACO. OS DOIS LUTAM COM VIOLÊNCIA. TONHO LEVA VANTAGEM E TIRA A GAITA DE PACO.)
 PACO — Filho da puta!
 TONHO — Avisei, não escutou, se deu mal.
 PACO — Dá essa gaita pra cá.
 TONHO — Vem pegar.
 PACO — Poxa! Deixa de onda e dá essa merda.
 TONHO — Se tem coragem, vem pegar.
 PACO — Pára que fazer fôlego? Você vai ter que dormir mesmo.
 TONHO — Antes de dormir, joga essa merda na privada e passa a toalha.
 PACO — Se você fizer isso, eu te apago.

TONHO — Experimenta.
 PACO — Se duvida, joga.
 TONHO — Joga. É daí?
 PACO — Então joga.
 TONHO — Você só tem boca-dura.
 PACO — É melhor você me dar essa merda.
 TONHO — Não entou o saco.
 PACO — Anda logo. Me dá isso.
 TONHO — Não vou dar.
 (PACO PULA SOBRE TONHO. ESSE MAIS UMA VEZ LEVA VANTAGEM. JOGA PACO LONGE COM UM EMPURRÃO.)
 TONHO — Tá vendo, palhaço? Consegui você só entrar aqui.
 PACO — Eu quero minha gaita.
 TONHO — Se você ficar bonzinho, amanhã de manhã eu devolvo.
 PACO — Quero a gaita já.
 TONHO — Não tem acordo.
 (PAUSA.)
 (TONHO DEITA-SE, E PACO FICA ONDE ESTÁ, OLHANDO TONHO.)
 TONHO — Vai ficar aí me invocando?
 PACO — Já estou invocando há muito tempo.
 TONHO — Poxa! Vê se me esquece, Paco.
 PACO — Então me dá a gaita.
 TONHO — Você não toca?
 PACO — Não vou tocar.
 TONHO — Palavra?
 PACO — Juro.
 TONHO — Então toma. (TONHO JOGA A GAITA NA CAMA DE PACO.) Se tocar, já sabe. Pego outra vez e quebro.
 (PACO LIMPA A GAITA E A GUARDA. OLHA O SAPATO, LIMPA COM A MANGA DO PALETÓ.)
 PACO — Você amassou meu sapato. MOLHA O DEDO NA BOCA E PASSA NO SAPATO.) Meu pisante é legal

pra chuchu. (EXAMINA O SAPATO.) Você não acha barata?

TONHO — Onde você roubou?

PACO — Roubou o quê?

TONHO — O sapato.

PACO — Não roubei.

TONHO — Não mento.

PACO — Não sou ladrão.

TONHO — Você não me engana.

PACO — Nunca roubei nada.

TONHO — Pensa que sou bobo?

PACO — Você está enganado comigo.

TONHO — Deixa de onda e dá o serviço.

PACO — Que serviço?

TONHO — Está se fazendo de estúpido? Quero saber onde você roubou esse sapato.

PACO — Exem?

TONHO — E.

PACO — Mas eu não roubei.

TONHO — Passa a mão.

PACO — Não sou disso.

TONHO — Conta logo. Onde roubou?

PACO — Juro que não roubei.

TONHO — Caralho! Juro que não.

PACO — Não creche o saco, porra!

TONHO — Então se afira logo.

PACO — Que você quer? Não roubei e fim.

TONHO — Mentiroso! Ladrão! Ladrão de sapato!

PACO — Cala essa boca!

TONHO — Ladrão sujo!

PACO — Eu não roubei.

TONHO — Ladrão mentiroso!

PACO — Não roubei! Não roubei!

TONHO — Confessa logo, caralho!

PACO (BEM NERVOSO) — Eu não roubei! Eu não roubei! Eu não roubei! (COMEÇA A CHORAR.) Não roubei!

Pena, nunca fui ladrão! Nunca roubei nada! Juro! Juro! Juro que não roubei! Juro!

TONHO (GRITANDO) — Para com isso!

PACO — Eu não roubei!

TONHO — Está bem! Está bem! Mas fecha esse boteiro.

(PACO PÁRA DE CHORAR E COMEÇA A RIR.)

PACO — Você sabe que não afanei nada.

TONHO — Sei lá.

PACO — O pisante é barata, mas não é roubado.

TONHO — Onde achou?

PACO — Não sei.

TONHO — Onde conseguiu, então?

PACO — Trabalhando.

TONHO — Pensa que sou trouxa?

PACO — Pense. (RI.)

TONHO — Idiota!

(PACO RI.)

TONHO — Nós dois trabalhamos no mesmo serviço. Vim-me de bicicleta no mercado. Eu sou muito mais esperto e trabalho muito mais do que você. E nunca consegui mais do que o suficiente pra comer mal e dormir nesta esperança. Como então você conseguiu comprar esse sapato?

PACO — Eu não comprei.

TONHO — Então roubou.

PACO — Ganhei.

TONHO — De quem?

PACO — De um cara.

TONHO — Que cara?

PACO — Você não sabia.

TONHO — Nem você.

PACO — Não sabia, mas ele me deu o sapato.

TONHO — Por que alguém ia dar um sapato bonito desses pra uma besta como você?

PACO — Ah, você também acha meu sapato legal?

TONHO — Acho. E daí?

PACO — Já morei.

TONHO — O quê?
 PACO — Toda sua bronca.
 TONHO — Que bronca, seu?
 PACO — Você toma olho-gordo na meu plantio.
 TONHO — Você é louco.
 PACO — Louco nada. Agora eu sei por que você sempre inventa coisa.
 TONHO — Você é uma besta.
 PACO — Você tem um sapato velho, todo jogado fora, e inveja o meu, faz uma para.
 TONHO — Eu, não.
 PACO — Inveja?!

TONHO — Cala essa boca!
 PACO — De manhã, quando não rápido com meu sapato novo e você dorme aí formando sua droga com jornal velho, deve ficar cheio de bronca.
 TONHO — Paltão?!

PACO (GARGALHANDO) — Por isso é que você é azedo. Cuidadinho! Deve ficar uma cara quando pisa num cigarro aceso. (PACO REPRESENTA UMA PANTOMIMA.) Lá vem o trouço, todo cheio de panca. (ANDA COM POSE.) Dá, um cara paga a bit de cigarro, o trouço não vê e pisa em cima. O sapato do cavalo é fudido, ele queima o pé e cai da panca. (PACO PINGA SEU PÉ E PINGE QUE ASSOPRA.) Aê ai! Aê ai! (PACO COMEÇA A RIR E CAI NA CAMA GARGALHANDO.)

TONHO (BRAVO) — Chegô!
 (PACO APONTA A CARA DE TONHO E ESTOURA DE TANTO RIR.)

TONHO — Para com isso, Paco!
 (PACO CONTINUA A RIR. TONHO PULA SOBRE ELE E, COM FÚRIA, DÁ VIOLENTOS SÓCOS NA CARA DE PACO. ESTE AINDA RI. DEPOIS, PERDE AS FORÇAS E PARA; TONHO CONTINUA BATENDO. POR FIM, PARA, CANSADO, OFEGANTE, VOLTA PRA SUA CAMA. DEITA-SE. DEPOIS DE ALGUM TEMPO.

LEVANTA A CABEÇA E, VENDO QUE PACO NÃO SE MOVE, DEMONSTRA PREOCUPAÇÃO. APROXIMA-SE DE PACO E O SACODE.)

TONHO — Paco! Paco!
 (PACO NÃO DÁ SINAL DE VIDA.)

TONHO — Desgraçado! Será que morreu? (TONHO ENCHE UM COPO COM ÁGUA DE UMA MORINGA E O INSPEJA NA CARA DE PACO.)

PACO — Aê ai!
 TONHO — Aiado heim que não morreu.
 PACO — Você me machucou.
 TONHO — Quando deu é pra valer.
 PACO — Você me paga.
 TONHO — Quer mais?
 PACO — Não sabe brincar, canalha?
 TONHO — Eu não estava brincando.
 PACO — Vai ser ferro.
 TONHO — Você não é de nada.
 PACO — Você não pode por esperar.
 TONHO — Deixa isso pra lá. Não foi nada.
 PACO — Não foi nada porque não foi na sua cara.
 (TONHO RI.)

PACO — Mas isso não vai ficar assim, não.
 TONHO — Não. Vai fechar pra chucha. (RI.)

PACO — Está muito alegre.
 TONHO — Poxa, você não gosta de tirar um sarro?
 PACO — Queri ri por último, ri melhor.
 TONHO — Agora cale a boca. Fiquei cansado de bater em você. Quase dormir.
 PACO — Se tem coragem de dormir, dorme.
 TONHO — Que quer dizer com isso?
 PACO — Nada. Dorme...
 TONHO — Vai querer me pagar dormindo?
 PACO — Não faz nada.
 TONHO — Nem pense em me atacar. Não esqueça a surra que te dei.

PACO — Não aqueço fácil.

TONHO — Acho bom. E fique sabendo que posso te dar ouso a hora que eu quiser.

PACO — Durado muito.

TONHO — Fecha essa latrina de uma vez, papalho.

PACO — Falo quando quiser.

TONHO — Você só sabe comungar.

PACO — Você sabe muita coisa.

TONHO — Mais do que você, eu sei.

PACO — Muito sabido. Por que, em vez de carregar caixa no mercado, não vai ser presidente da república?

TONHO — Quem pensa que eu sou? Um estúpido da sua láia? Eu estudo. Estou aqui por pouco tempo. Logo arranjo um serviço legal.

PACO — Vai ser licório?

TONHO — Não, sua besta. Vou ser funcionário público, ou outra droga qualquer. Mas vou. Eu estudo.

PACO — Bela merda. Estudar, pra carregar caixa.

TONHO — Só preciso é ganhar uma grana pra me aquecer um pouco. Não posso me apresentar todo reto e com esse sapato.

PACO — Se eu tivesse estudado, nunca ia ficar assim jogado fora.

TONHO — Fiquei assim, porque vim do interior. Não conhecia ninguém nessa terra, foi difícil me virar. Mas logo acerto tudo.

PACO — Acho difícil. Você é muito trana.

TONHO — Você é que pensa. Eu fiz até o ginásio. Sei escrever à máquina e tudo. Se eu tivesse boa roupa, você ia ver. Nem precisava tanto, bastava eu ter um sapato... assim como o seu. Sabe, da vez eu penso que, se o meu sapato fosse meu, eu já tinha me livrado dessa vida. E é verdade. Eu só degerdo do sapato. Como eu posso chegar em algum lugar com um par de desses? Todo mundo a princípio cobra que faz é ficar olhando para o pé da gente. Outro dia, me apresentei pra fazer um teste num banco que precisava de um funcionário. Tinha um monte de gente querendo o lugar.

Nós entramos na sala pra fazer o exame. O sujeito que parecia ser o chefe bateu os olhos em mim, me mediu de cima a baixo. Quando viu o meu sapato, deu uma risadinha, me irrocou. Eu fiquei nervoso paca. Se não fosse isso, claro que eu seria aprovado. Mas, pena, daquele jeito, encabelei e errei tudo. E era tudo coisa fácil que caiu no exame. Eu sabia responder aqueles problemas. Só que, por causa do meu sapato, eu me afobei e errei bem. (PAUSA). Que dia, Paco?

PACO — Digo que quando você começa a falar, você enche o saco.

TONHO — Com você a gente não pode falar sério.

PACO — Você só sabe chingar.

TONHO — Estava me aborindo com você, como um amigo.

PACO — Quem tem amigo é puta de zona.

TONHO — É...

(PAUSA LONGA. PACO TIRA A GAITA DO BOLSO E FICA BRINCANDO COM ELA.)

TONHO — Quer tocar, toque.

PACO — Posso tocar?

TONHO — Faça o que lhe der na telha.

PACO — Não vou perturbar o seu sono?

TONHO — Não. Pode tocar.

PACO — Tocarei em sua honra.

(PACO COMEÇA A TOCAR. TONHO ACENDE UM CIGARRO E DÁ UMA LONGA TRAGADA.)

(LUZ APAGA.) (FIM DO PRIMEIRO QUADRO)

Segundo Quadro

(PACO ESTÁ DEITADO, ENTRA TONHO. PACO PÁ-
RA DE TOCAR.)

TONHO — Pode continuar tocando.

PACO — De toco quando quero.

TONHO — Pensei que tinha parado por minha causa.

PACO — Passa-se quando eu quero, ninguém manda em mim.

TONHO — Espere aí de ontem?

PACO — Eu não esqueço de nada.

TONHO — Então deveria saber que, a hora que me encher,
eu faço você parar na marra.

PACO — Não pense que todo dia é dia santo. Ontem foi ontem.

TONHO — E hoje é a mesma coisa.

PACO — Se eu quiser, eu toco. Você não faz nada.

TONHO — Você é muito valente. Mas por que parou quan-
do eu cheguei? Ficou com medo?

PACO — Eu, ter medo de homens? No dia que eu tiver me-
do de homem, não uso mais calça com braguilha, nem sapo
mais na rua.

TONHO — Então por que parou quando eu cheguei?

PACO — Eu quero te dar um aviso.

TONHO — Dar um aviso pra mim?

PACO — Não. Pra sua avó.

TONHO — O que é que você quer me avisar?

PACO — O que o negro mandou te avisar, pena.

TONHO — Que negócio?

PACO — Que negócio? Aquela lá do mercado.

TONHO — Como vou saber quem é? Lá tem muitos negros.

PACO — Esse você manja. É um que usa gorrinho de meia
de mulher pra alisar o cabelo.

TONHO — O que ele quer comigo?

PACO — Ele mandou avisar que vai te dar tanta porrada,
que é até capaz de te apagar.

TONHO — Mas o que eu fiz pra ele?

PACO — Sei lá! Só sei que ele disse que você é muito fres-
co e que ele vai acabar com essa frescura. Que você é um
cara que não aguenta nem um peido e que ele vai te ensinar
a não se atravessar na vida dos outros.

TONHO — Quando ele falou isso?

PACO — Hoje, no bar, me chamou e disse tudo. Falou que
eu era um cara legal, mas que você era o fim da picada.

(PAUSA)

TONHO — Acho que você fez alguma boboca.

PACO — Poxa, logo eu! Eu não sou disso.

TONHO — Por que o negócio iria se invocar comigo? Não
fiz nada pra ele.

PACO — Se você não sabe, eu vou saber?

TONHO — Alguém apontou pra mim.

PACO — Azar seu. O negócio é logo numa briga.

TONHO — Só queria saber por que ele ficou com bronca
de mim.

PACO — O que eu sei é que ele está uma vara com você.

(PAUSA) Agora você não vai poder mais trabalhar no mercado.

TONHO — Por que não?

PACO — Vai me enganar que você vai enfrentar o negócio?

Ele corre a tua alma. O negócio é esperto. Você não conhe-
ce ele. Briga para. Uma vez ele pagou um chofre que dava
uma dor de você, quase morreu e desgraçado de tanta porra-
da que deu. (PAUSA) Você tem medo do negócio?

TONHO (SEM CONVICTÃO) — Eu, não.

PACO — Boa, Tonho! Assim é que é. Homem macho não tem medo de homem. O negro é grande, mas não é dói.
(PAUSA) Você vai encarar ele?

TONHO — Sei lá! Ele não me fez nada. Nem eu pra ele.

PACO — Pôxa, ele disse que você é fraco. Vai lá e briga. Ele é que quer.

TONHO — Você só pensa em briga.

PACO — Eu, não. Mas se um cara começa a dizer pra todo mundo que eu sou fraco, e os outros, eu torno o respeitável. Começo a assim. Pode ser queimador, folgou, deu pau.
(PAUSA) Como é? Você vai fazer coisa eu, ou vai dar pra trás?

TONHO — Você podia queimar o meu galho com o negro.

PACO — Eu, não. Em briga dos outros, eu não me meto.

TONHO — Bastava você saber o que eu fiz pra ele.

PACO — Pôxa, um que caminhão você trabalhou hoje?

TONHO — No caminhão de peixe.

PACO — Era o caminhão do negro. Ele sempre trabalha aí.

TONHO — Mas o negro nem estava no mercado.

PACO — E daí? Só porque ele não estava, você foi pondo o bodeinho?

TONHO — O chafre é que quis.

PACO — Deixa querer, quando é assim.

TONHO — Eles não iam ficar esperando a vida toda pra descarregar.

PACO — Isso não é problema seu.

TONHO — Se eu não pegasse, outro pegaria.

PACO — E pegava também a bronca do negro.

(PAUSA)

PACO — O que você vai fazer?

TONHO — Vou falar com ele.

PACO — Olha que ele te capta. Ele não é de dar arrelo.

TONHO — Que vou fazer, então?

PACO — Sei lá! O negro sacanageado é capeta.

(PAUSA)

TONHO — O único jeito é falar com o negro.

PACO — Não vai dar pé.

TONHO — Então não tem remédio.

PACO — Quando você ver ele, antes de conversar, dá uma porrada.

TONHO — Depois ele me mata.

PACO — Mostra ele primeiro. Você não é macho?

TONHO — Mas não custa a fim de matar ninguém.

PACO — Pôxa, você é um bôgo. O negro não é bicho.

TONHO — É isso eu sei.

PACO — Então chega a molécula dele. (PAUSA) Quer que eu avise que você vai topar ele?

TONHO — Pra que isso? Não precisa avisar nada.

PACO — Limpa a tua barra. O negro pode ficar pensando que você é de alguma coisa. Eu duvido, mas às vezes ele é capaz de afurar.

TONHO — A única saída é bater um papo com ele.

PACO — Você não está a fim de briga, já vi tudo.

TONHO — E não estou mesmo.

PACO — Homem de medo que você é.

TONHO — Só porque não quero me pegar com o negro?

PACO — Pôxa, ele anda dizendo que você é fraco. Deixa barato, vai deixando. Um dia a turma começa a passar muito no teu rabo, daí vai querer gritar, mas já é tarde, ninguém mais respeita.

(PAUSA)

TONHO — Eu não posso brigar com o negro! Será que você não se manca? O negro é um cara sem cima nem beira, não tem onde cair morto. Para ele tanto faz, como tanto faz. Não conta com o azar, entendeu?

PACO — Você está é com o rabo na mão.

TONHO — Não é medo. É que posso evitar encrenca. Falo com o negro e acerto os pontos. Pôxa, se eu faço uma besteira qualquer, minha mãe é que sofre. Ela já chorou pela no dia que sai de casa.

PACO — Vai me enganar que você tem casa?

TONHO — Claro, como todo mundo.

PACO — Então, que veio fazer aqui? Só encher o saco dos outros? Pensa, fica lá na sua casa.

TONHO — Eu bem que queria ficar. Mas minha cidade não tem emprego. Quem quer ser alguma coisa na vida tem que sair de lá. Foi o que fiz. Quando acabei o colégio, vim pra cá. Papai não pode me ajudar...

PACO — Quem tem papai é bicha.

TONHO — Você não tem pai, por acaso?

PACO — Claro que eu tive um pai. Não sou filho de chocadeira. Só que não sei quem é. Pai pode ser qualquer um. Mãe é que a gente sabe quem é.

TONHO — Eu sei quem é meu pai.

PACO — Quem é teu pai?

TONHO — Quem você queria que fosse? Meu pai é meu pai.

PACO — Sei lá se é. Sua velha pode trepar com qualquer um.

TONHO — Olha lá, miserável. Minha mãe é uma santa, e eu não admito que você fale mal dela.

PACO — Quando seus gritos são negrito.

TONHO — Não vou calafrear negrito nenhum.

PACO — Então volta pro rabo da sala da tua mãe.

TONHO — Vou voltar, mas só quando me apertar na vida.

PACO — Então nunca mais vai ver sua coisa.

TONHO — É por que não?

PACO — Não força a paciência. Você nunca vai ser ninguém.

TONHO — Eu só preciso de um sapato. Uma boa apresentação abre as portas. Se eu tivesse sorte de me ajudar logo que cheguei, a coisa havia estava longe daqui. Mas dei azar. O sapato estragou. Eu não tenho coragem de ir procurar emprego com essa droga nos pés. Tenho que descalçar aqui no mercado. Quando chego pra casa, digo que está tudo bem, pra sossegar o pessoal. Sei que eles não podem me ajudar. Vou me aguentando. Um dia me firmo.

PACO — Vou te dar um alô. Volta pra tua casa. Aqui você só vai entrar bem.

TONHO — Verdade de voltar não me falta.

PACO — Então vai logo, que já vai tarde.

TONHO — Não. Meu negócio é aqui.

PACO — Pensa, não escutei eu te dizer que aqui não vai dar pé?

TONHO — Não sei por que não vou me dar bem.

PACO — Você é muito escaroso. Tem medo de pedir emprego por causa do sapato. Tem medo de encostar o negrito. Desejo jeito, só pode trabalhar.

TONHO — Você podia me ajudar.

PACO — Ninguém me ajuda. Por que vou te ajudar?

TONHO — É só você me emprestar seu sapato. Eu arranjo emprego, depois, se eu puder fazer alguma coisa por você, eu faço.

PACO — Eu, te emprestar meu sapato? Não tenho filho do seu tamanho.

TONHO — É só um dia.

PACO — Sai pra lá. Se vira de outro jeito.

TONHO — Pensa, Paco. Me querba esse galho. Arranjá mesmo ia procurar emprego. Não precisava mais voltar nessa merda desse mercado.

PACO — Quem gosta de você é o negrito. Ele vai ficar muito triste se você não bota mais no mercado.

TONHO — Você até parece que quer ver minha caveira.

PACO — Quero ver você se pegar com o negrito. Isso é que eu quero ver. (PAUSA) Se o negrito te paga, não vai atentar chamar pela mamãe. Ele vai se atreventar.

TONHO — Arranjá a gente vê como vai ser.

PACO — Vou cagar de ris.

TONHO — Não vai acontecer nada.

PACO — Vai fugir?

TONHO — Eu, não.

PACO — Pensa, o cara é machão.

TONHO — Não sou mais valente que ninguém.

PACO — Se pensa que vai engrapar o negrito, está enganado. O negrito é vivo paca. Ele vai te enrabar.

(OS DOIS FICAM QUIETOS. LUZ APAGA. FIM DO SEGUNDO QUADRO.)

Terceiro Quadro

(TONHO ESTÁ DEITADO, PACO VAI ENTRANDO. SENTA-SE NA CAMA, FICA OLHANDO FIXO PARA TONHO. SÓ DEPOIS DE MUITO TEMPO É QUE FALA.)

PACO — Você é um treco.

TONHO — Você não tem nada que ver com a minha vida.

PACO — Afirma como uma bicha. Posa, que papella!

TONHO — Papella, não. Bati um papo com o negão, li com tudo certo.

PACO — Você é que acha.

TONHO — O negão está legal consigo. Aí tomamos umas pinguiças juntos.

PACO — Muito bonito pra sua cara. O sujeito te caletina, você ainda paga bebida pra ele. Você é um otário. Dê a grana do peixe pro negão. Quem trabalha pra homem é relogio de ponto ou bicha. Depois que você se arranca, ele tira um bom sarro às suas custas. Toda mundo mijona de rir.

TONHO — O negão contou que eu dei dinheiro pra ele?

PACO — Claro! Você é treco. E agora todo mundo sabe.

TONHO — Só dei metade. Foi pra evitar briga. Eu entendi, não preciso me meter em encrenca.

PACO — E acha que levou sua cara?

TONHO — Então? Agora tá tudo certo.

PACO — Só que todo dia ele vai te dar uma pressa.

TONHO — Não sei por quê.

PACO — Porque você é um treco. Ele disse que não paga mais no pesado. É só ver você num carinhão, ele chega como quem não quer nada e diz que era correto dele. Dói, te acheca. Se você achar ruim, te sapoca o brago e leva a grana. Se você ficar bonzinho, é tudo mal a meio. (PAUSA) O negão é um sujeito de sorte. Arranjou uma mina. O apelido dele ficou "Negão Cafaio". Bata as pernas dele pra se virar, enquanto ele fica lá bem-bom enchendo a cara de cachaça. (PAUSA) Você está frito e mal pago. Otário só entra bem.

(PAUSA)

TONHO — O negão está engarado consigo.

PACO — Não sei por quê. Ele é vivo, conhece o gado dele.

TONHO — Se ele pensa que vou trabalhar pra ele, está muito enganado.

PACO — Você já trabalhou um dia.

TONHO — Eu só quis evitar encrenca.

PACO — E se deu mal. Por isso eu falei que você tinha que escorar. Não me escute, é metido a malandro, caiu do cavalo. Homem não corre do pau.

TONHO — Eu não quero nada disso. Eu entendi, Paco. Arranjá eu depois, compro um sapato, arrumo um emprego de gente e nunca mais quero saber do mercado.

PACO — Não vai ser mole. Se antes de você trabalhar pra homem não dava, agora então é que não dá escara.

TONHO — O negão não pode fazer isso comigo. Não é direito.

PACO — Quem mandou você afirmar? Agora é darenta fazer a inocência pensar que você é de alguma coisa. Seu apelido lá no mercado agora é "Boneca do Negão".

TONHO — Boneca do Negão? É a mãe!

PACO (AVANÇADO) — A mãe de quem?

TONHO — Sei lá! A mãe de quem falou.

PACO — Vejá lá, Boneca do Negão! Não foge consigo, não. Lá tenho bronca sua porque inveja meu sapato. Se me enche o saco, te dou umas porradas. Depois, não adian-

ta contar pro teu macho, que eu não tenho medo de negrão nenhum.

TONHO — Cala essa boca!

PACO — Está confiando na sorte, Boneca do Negrão!

TONHO — Não quero mais conversa com você.

PACO — Agora a Boneca só fala com o negrão. Minha certinha é assim. O negrão está bem servido.

TONHO — Poxa, Paco, vê se me esquece.

(PAUSA. TONHO DEITA-SE DE COSTAS PARA PACO.)

PACO — Volta pra casa do papai, Boneca. Lá o negrão não paga você. (PAUSA.) Lá no mercado você está de barra suja. Se eu fosse você, não ia mais lá. (PAUSA.) Amanhã vai ser fogo pra você. Todo mundo vai te tomar o pé.

TONHO — Amanhã não vou no mercado.

PACO — Vai procurar emprego com esse sapato jogado fora?

TONHO — Não. Tenho um troço pra vender. Vou andar por aí. Se passar pra frente, pego um bom dinheiro.

PACO — O que é?

TONHO — Um troço que o chofer deu pra vender pra ele.

PACO — Mas que troço é?

TONHO — Não é de sua conta.

PACO — Mas você pode falar, porra!

TONHO — Pra que falar? Pra você dar azar?

PACO — Não sou que nem você que tira o sapato dos outros.

TONHO — Eu não uso nada.

PACO — Viva invejando o meu pisante.

TONHO — Não é nada disso. Só queria emprestado seu sapato por um ou dois dias. Isso não é scar.

PACO — Não, não é! Você se invoca comigo todo dia por quê? Inveja!

TONHO — Me invoca porque você só sabe encher o saco.

PACO — Tentar te abrir o olho é encher o saco? Tá bom, daí pra frente não griso mais nada.

TONHO — Você, pra andar, faz uma onda do cacete.

PACO — Onda, não. Você é que custa pra se mancar das coisas.

TONHO — Você que estica tudo. Um trocinho assim, você deixa desse tamanho.

PACO — Tá bom, eu que estico. Aparece amanhã no mercado pra você ver. Todo mundo vai chamar você de Boneca do Negrão.

TONHO — Deixa chamar.

PACO — Você vai gostar?

TONHO — Claro que não.

PACO — Então o que você vai fazer?

TONHO — Finjo que não é contigo.

PACO — Bêta coisa! Não vai adiantar nada.

TONHO — Então o que você pensa que eu devo fazer?

PACO — Eu não penso nada.

TONHO — Mas você não acha nada?

PACO — Acho que você devia brigar com o negrão.

TONHO — Já te disse que não posso.

PACO — Só porque ele é grande? Quanto mais alto, maior o tombo.

TONHO — Não é isso, porra. Eu estudei. Uma briga com o negrão não acaba nunca. Se eu acerto ele hoje, ele me paga de boca amanhã. Se escapo amanhã, ele me paga depois. Só acaba com a morte.

PACO — Mata ele.

TONHO — Eu estudei, mas chupa. Não estou a fim de apodrecer na cadeia por causa de um desgraçado qualquer.

PACO — Então volta pra casa do papai.

TONHO — Também não posso. Preciso acertar minha vida aqui. Lá naquela cidade não tenho o que fazer. Os empregos já estão ocupados, eu pagaria menos que aí no mercado. Preciso acertar logo pra ajudar minha família. Já fiz um puta sacrifício pra eu estudar. Não sei como fui ficar nessa fôsea.

PACO — É. Você está perdido e mora longe.

TONHO — Pra você ver. Minha situação não é nada. Por isso que tá vezza perto a esportiva com você.

PACO — Não me venha com essa. Seu negócio comigo você já falou outro dia. É a bronca de meu pai, que você acha legal para. Até começou a dizer que eu tinha roubado.

TONHO — Não é nada disso.

PACO — É inveja. Por isso que você se irrova quando teço gaita.

TONHO — Deixa de bobagem, Paco.

PACO — Bobagem? Inveja é um troço que atrapalha a vida dos outros.

TONHO — Meu problema é outro. Eu fico pensando na minha casa, no meu pessoal.

PACO — Conta essa outra! Essas suas histórias me dão um puta sono. Só sabe falar papai, mamãe. Páua, que papo furado esse seu. Depois não quer que a moçada te ache feio.

TONHO — É, acho que você tem razão... (PAUSA) Eu acho que é isso mesmo. Implico com você por causa do sapato.

PACO — Confeccionei que tem inveja de mim. Eu já sabia desde outro dia.

TONHO — Não é inveja de você, que é um cotinado. É por causa dos meus sapatos que são velhos. Eu tenho vergonha deles.

PACO — O meu plantio é novo e bonito.

TONHO — Um pouco grande pra você.

PACO — Boto um pouco de jornal e ele fica uma lava.

TONHO — Pra mim, que sou mais alto que você, ele deve servir direitinho.

PACO — Mas é meu.

TONHO — Eu sei... Eu sei... (PAUSA LONGA. PACO COMEÇA A TOCAR SUA GAITA. TONHO FUMA. DEPOIS, PEGA DO SEU FALITO, QUE ESTÁ DEBAIXO DO TRAVESEIRO, UM REVÓLVER.)

TONHO — Sabe, Paco, às vezes eu até penso que você é um bom chapa.

PACO — Está afirmando, papalho? (TONHO APONTA O REVÓLVER PARA PACO)

TONHO — Estou pensando seriamente em conseguir um sapato igual ao seu.

PACO — Pode pra engião. (R.)

(PACO VÊ O REVÓLVER NA MÃO DE TONHO, PARA DE RIR.)

PACO — Que é?... Páua, não vem com história de jerico pra cima de mim... Que é?... Quer roubar meu plantio?

TONHO — Não precisa ficar com medo. Não vou te roubar. O bicho está sem bala.

PACO — Pra que isso, então?

TONHO — Foi o que o cara lá no mercado deu pra eu pensar nos cobres.

PACO — Páua, pensei... Páua, você é um bom cara. Fiqui encaixado. Pensei que você ia afetar o meu sapato.

TONHO — Não tinha pensado nisso, mas até que é boa idéia.

PACO — O revólver está sem bala, lembra? Você mesmo que falou.

TONHO — É, está sem bala.

PACO — É bom não esquecer isso. Que, sem arma, ninguém bota a mão no meu sapato.

TONHO — Pode ficar sonegado, não vou tentar.

PACO (PEGA UM ALICATE) — Agora fique sabendo de uma coisa: se vier com parte de bicho, vai levar ferro.

TONHO — Você é muito valente.

PACO — Não tem negócio nenhum pra tirar dinheiro de mim.

TONHO — Conta esse papo!

PACO — Então não se mete comigo. (PAUSA)

TONHO — Só queria saber onde você conseguiu esse sapato.

PACO — Já falei. Um cara me deu.

TONHO — A troco de nada?

PACO — Ele me viu tocar, gostou e me deu.

TONHO — Páua, não menta.

PACO — Não estou mentando.

TONHO — Você vai querer que eu engula essa conversa?

PACO — Se não quiser acreditar, se dane.

TONHO — Poxa, você toca mal viola.

PACO — Gaita eu toco mal, paspalhão. Eu estou tentando aprender. Mas na flauta eu sou cobra.

TONHO — Você toca flauta?

PACO — Eu tiro tudo quanto é chorinho.

(PAUSA LONGA. TONHO PEGA O MAÇO DE CIGARROS, ACENDE UM.)

TONHO — Quer fumar?

PACO — Vai me dar um?

TONHO — Pega. (DOGA UM CIGARETO)

PACO — Puta milagre!

(OS DOIS FUMAM EM SILÊNCIO.)

TONHO — Onde você aprendia a tocar flauta?

PACO — No avô. Lá eles ensinam pra gente!

TONHO — Onde foi parar a sua flauta?

PACO — Passaram a mão nela.

TONHO — E o violão deixou. Onde estava o violão?

PACO — Eu estava chapado para. Me apaguei na cabeça mesmo. Quando acordei, cadê a flauta? Algum desgraçado tinha passado a mão nela. Dai, me entrepei do primeiro ao quinto.

TONHO — Por que não compra outra?

PACO — Como? Ganhava grana com a flauta, tocando aí pelos bairros. Sem ela, tubulei. Me virando aí pelo mercado, casei perdido e mal pago.

TONHO — É.

PACO — Mas, quando aprender gaita, adão, mercado. Dou pisote. Me largo na vida de novo. Não quero outra coisa. Só aí no come-e-dorme. Pelos bairros, enchendo a caveira de cachapa, lá outras das trevas. Você precisa ver, não. Arrumava cada jogada! Sentava na mesa dos bôcamas. Bebia, bebia, bebia, tocava um pouquinho só e matia o olho na cara da malherada. Era de luar. Poxa, vida legal na leval!

TONHO — Se quiser treinar nessa gaita, treina.

PACO — O negócio é esse.

(PACO COMEÇA A TOCAR.)

TONHO — Eu só queria um par de sapatos. Eu, às vezes, fico morto de vergonha quando na sua olho para os pés das pessoas que passam. Todos calzam um pisante legal. Só eu que uso essa porcaria toda furada, isso me deixa na fressa... Chogo até a pensar em me matar.

(PACO TIRA UM SÓM MONSTRUOSO DA GAITA. PACO PARA DE TOCAR E FICA OLHANDO FIXO PARA TONHO. DEPOIS CAI NA GARGALHADA.)

TONHO — Qual é a graça?

PACO — Poxa, você é cheio de piada.

TONHO — Você é uma besta.

PACO — Posso ser uma besta, mas tenho um puta sapato buxina.

TONHO — Toca essa merda. Enquanto toca, você não fala besteira.

(PACO RI E COMEÇA A TOCAR BALANÇANDO O PÉ PROVOCADORAMENTE.)

TONHO — Pare com essa puta.

PACO (RINDO) — Você manda, chefe.

(PAUSA.)

TONHO (COMO DESCULPA) — Eu ando bronqueado... É por conta desses sapatos.

(PACO VOLT A TOCAR.)

TONHO — Se eu tivesse esses sapatos, tudo seria fácil. Eu arranjava um bom emprego. (PAUSA) Sabe, Paco, eu estive pensando que você podia me emprestar o seu sapato.

PACO — Ficou golado?

TONHO — Só até eu arranjar emprego.

PACO — Olha pra minha cara. Vê se eu tenho cara de trouxa.

TONHO — É só pra me ajudar. Depois que eu tiver trabalhando, te ajudo a comprar a flauta.

PACO — Olha pra você. (FAZ GESTO.)

TONHO — Poxa, você não entende nada.

PACO — Te manjo, vagabundo. Te empresto meu pisante, você se manda e eu fico no ora-jeja.

TONHO — Não é nada disso. Só pernei...

PACO — Fernando morreu um burro.

TONHO — Que devia ser teu pai.

PACO — Que dormia com sua mãe.

TONHO — Chega, porbait!

PACO — Chega uma ova!

TONHO — É melhor calar a boca.

PACO — Cala a tua pincirito.

TONHO — Está bem.

PACO — Pô, só sabe agarrar meu sapato.

TONHO — Chega, poaa!

PACO — É isso mesmo. Toda noite é o mesmo papo-furadão. Ando até apavorado de tirar o pé do sapato. Tenho medo de dar sopa e você abarar.

TONHO — Não sou ladrão.

PACO — Sei lá!

TONHO — É melhor mistar esse assunto.

PACO — Você que começou.

TONHO — Então acaba.

PACO — Acaba.

(OS DOIS FICAM QUIETOS.)

TONHO — Só preciso de um sapato. Eu estudei, poaa. Podia ser até alguém na vida. Sou inteligente, podia ter uma chance. Não precisava viver nessa festa como um vagabundo qualquer. Tenho que aturar até desaturo.

PACO — Você fala bonito.

TONHO — Só preciso de um sapato.

PACO — E daí? Tu só precisava da flauta.

(TONHO ACENDE UM CIGARRO. ESTÁ NERVOSO.)

TONHO — Estou pensando...

PACO — Você pensa muito, vai acabar queimando a mala.

(PAUSA)

TONHO — Já dormiu, Paco?

PACO — Não.

TONHO — Tá pensando em quê?

PACO — Se eu tivesse a minha flauta, me mandava agora mesmo. Não ia te aturar nem mais um pouco. Você é chato poaa.

TONHO — Você pensa que eu te adoro? Se tivesse sapato, já tinha me mandado.

(PACO COMEÇA A TOCAR.)

TONHO — Poaa, você precisa mesmo da flauta. Na poia, você é uma desgraça.

PACO — Sem sapatos, você não vai longe. Não vai fugir do negrão. Só vai entrar bem.

TONHO (GRITANDO) — Eu preciso de um sapato. Eu preciso de um sapato novo.

PACO — Bom, durilo. Gritar como uma máquina resolve poaa.

TONHO — É... Não sei o que fazer.

PACO — Você está bem estrepado. Não tem sapato. Não gosta mais dar as caras no mercado. Não quer voltar pra casa do papai.

TONHO — Não quero voltar, não. Não posso apavorar desse jeito lá em casa.

PACO — Eu sei de uma saída pra você.

TONHO — Qual é?

PACO — Você não vai topar.

TONHO — Fala.

PACO — Compra uma bala e apaga o negrão.

TONHO — Você é louco. Não sou assassino. Eu estudei...

PACO — Eu sei, eu sei. Tem família e prefere ser a boneca do Negrão.

TONHO — Prefiro nada.

PACO — Então mete um cacoço na testa do bruto.

(PAUSA)

TONHO — O crime não resolve.

PACO — Pelo menos o negrão não te tortura a paciência nunca mais.

TONHO — Eu não quero matar ninguém. Só queria me livrar dessa joça de vida.

PACO — Dai um tiro na orelha.

TONHO — Você só diz besteira.

PACO — Posa, as coisas que eu encontro você nunca quer.

TONHO — Tem de haver um jeito direito de eu me apurar na vida.

(PAUSA LONGA)

PACO — Oh...

TONHO — Que é?

(PAUSA)

PACO — Sabe o que você podia fazer para se acertar?

TONHO — Fala.

PACO — Você tem um baco, os outros têm o sapato.

TONHO — U daí?

PACO — A razão pode estar do seu lado, posai!

TONHO — Não entendo. Fala claro.

PACO — Você é um trouxa. Não manja nada. Vai morrer sendo a Boneca do Negrito. Tem a boca e o queijo na mão e não sabe cortar. Posa, já vi muito cara louco, mas você é o rei. Quero que se dane!

(PACO SE VIRA PRA DORMIR. TONHO FICA PENSATIVO. ACENDE UM CIGARRO E FUMA. LUZ APAGADA DEVAZIAR. FIM DO TERCEIRO QUADRO.)

Quarto Quadro

(TONHO ESTÁ DEITADO, ENTRA PACO.)

PACO — Posa, você fez bem em não baixar no mercado. Todo mundo procurou para a Boneca do Negrito. (RI.) O negrito ficou uma vara. Não pegou no batedor contando com o achaque que ia dar em você, se estrepou. Não arrumou graça nem pra tomar uma pinga. A moçada gostou a cara dele lá piquete. Todo mundo tirou sota. Falavam: Posa, negrito, cadê a Boneca? Sexou? A mina te passou pra trás? O negrito não dizia nada, mas se via que ele estava uma vara.

(PAUSA)

PACO — Como é? Vendeu o revólver?

TONHO — Não. Eu não sei daqui o dia todo.

PACO — Nem pra comer?

TONHO — Não tenho fome.

PACO — Assim você vai tubular.

TONHO — Que se dane!

PACO — Posa, mas você não ia sair pra vender a arma?

TONHO — Demor.

PACO — Por quê?

TONHO — Com essa pinta aqui, com esse sapato de marda, sair chorrendo revólver por aí, além de ninguém querer comprar, era capaz de acabar indo preso.

PACO — Proxa?

TONHO — Eram capazes de pensar que eu era um ladrão que arruinou essa arma em algum assalto. Eles sempre pensam o pior de um cara mal vestido.

PACO — Tem disso.

TONHO — Pra você ver.

PACO — Quem tem que ver é você, que está perdido e mal pago. IPAUSA! Do jeito que vai a coisa, a única saída sua vai ser voltar pra casa do pai.

TONHO — Pensei bastante nisso hoje. Só não me mandei porque não tenho dinheiro nem para a passagem.

PACO — E não vai ser mole arrumar. O que você arrumar no mercado o negro vai te tomar. Ainda mais agora que a moçada só te chama de Boneca do Negro, ele está cheio da razão.

TONHO — Não apuro mais na droga do mercado. Se for lá, sou capaz até de fazer uma besteira.

PACO — Devia ir e fazer. Homem muito por muito mesmo desgraça tem. E tem que ser assim. Ou segura as portas firmes, ou então a carnalhada morre. Se eu fosse você, ia lá hoje mesmo e botava pra jantar. Começava no negro. Chegava nele e dizia: Quero bater um papo com você, ninguém pode escutar. Enrolava, enrolava e quando ele estivesse entrando na minha, eu mandava ele pro inferno. Se alguém ciscasse, dava uma igual. IPAUSA! Também tem um negócio. Eu entrava de sola, mas eu não sou Boneca de nenhum negro. Agora, você, não sei. Os caras lá me perguntaram o que eu achava de você. Eu disse que não sabia. Que consigo você nunca desmanhecou. Também disse que não sei que você erraria comigo porque sabia que eu só vou de mulher.

TONHO — Você disse isso? Você é nojentão!

PACO — Nojentão é você, Boneca do Negro.

TONHO — Como você pode dizer uma coisa dessa de mim?

PACO — Eu digo mesmo. Não ponho a mão no fogo por ninguém.

TONHO — Vida desgraçada! Tem que ser sempre assim. Cada um por si e se dane o resto. Ninguém ajuda ninguém. Se um sujeito está na merda, não encontra um camarada pra lhe dar colher de chá. E ainda aparecem uns misérietas pra pisar na cabeça da gente. Depois, quando um cara des-sa se torna um sujeito estrepado, todo mundo acha ruim. Desgraça de vida!

PACO — Proxa, mas é assim mesmo. Que é que você queria? Que alguém fosse se virar por você? Se quiser isso, está louco. Vai acabar batendo a cabeça no poste. Proxa, você acha que eu é que vou andar dizendo por aí que você não é bicha? Quero que você se dane! Se não é Boneca do Negro, vai lá e limpa sua barra.

TONHO — É assim mesmo. IPAUSA! Paco, uma vez na vida você podia fazer uma coisa decente. Podia ajudar um cara que está estrepado mesmo.

PACO — Não deu arrégio. Mesmo que possa, não deu bar-deja pra socorrer nenhum. Nunca ninguém me deu nada.

TONHO — Esse cara que te deu o sapato, não te ajudou?

PACO — Ajudou nada. Ele deu o péia porque queria que eu andasse soprando flauta. Se não fosse isso, estava descalço até hoje. Você acha que alguém dá alguma coisa de graça pra alguém? Só você mesmo, que foi dar grana pro negro. IPAUSA!

TONHO — Você deve ter levado uma vida desgraçada pra não acreditar em ninguém.

PACO — Poxa, que onda é essa? Vida desgraçada é a sua. A minha sempre foi legal. Nunca ninguém felpou com minha cara. Vida azarada é a sua. Não tem piaante, não tem coragem de botar os peitos com o negro, é bicha e tudo. Agora não melhe o saco com a minha vida. Ela até que está legal. E ainda pode melhorar. É só aprender a tocar gaita. IPAUSA!

TONHO — Hoje eu pensei em muita coisa.

PACO — E daí?

TONHO — Eu sei como você pode conseguir uma flauta.

PACO — Por que você não pensa pra você?
TONHO — Pensei. E como eu posso conseguir o sapato, você pode conseguir uma flauta.
PACO — Como?
TONHO — Com dinheiro.
PACO — Pense, você é ladro paco, Bonoca.
TONHO — Aceite que sei onde tem dinheiro.
PACO — Eu também sei. No Banco do Brasil.
TONHO — Dinheiro fácil de pegar.
PACO — Então conta pro negro.
TONHO — Estou falando sério, papalho.
(PAUSA)
PACO — Se abre de uma vez. Onde está a grana?
TONHO — No parque.
PACO — Ele nasce nas árvores, né, Bonoca?
TONHO — Não, imbecil! No bolso dos trouxas.
PACO — É só pedir que eles dão pra gente.
TONHO — É só pedir e apontar tiro.
(TONHO MOSTRA O REVÓLVER. OS DOIS FICAM EM SILÊNCIO.)
PACO — Um assalto?
TONHO — É. Um assalto.
(PAUSA. OS DOIS SE OLHAM FIXO NOS OLHOS.)
PACO — Pode ser sua saída.
TONHO — E sua também.
PACO — Não estou no mate.
TONHO — Não precisa da flauta?
PACO — É... Isso é...
(PAUSA)
TONHO — Como é?
PACO — Como é o quê?
TONHO — Você topa?
PACO — Topa! (PAUSA) Você está me gozando, paca?
TONHO — Não. Falei sério.
PACO — Pode ser uma boa pedida.
TONHO — É minha saída.

PACO — Devia ter pensado nisso antes.
TONHO — Não gosto disso. Só vou entrar nessa porque não vejo outro jeito de me arrastar. Se não fosse aquele maldito negro, eu acabava me ajoitando à custa do trabalho. Também, se der certo, não me meto em outra, pode crer.
PACO — Chega de ficar aí chorando como uma criança. Vamos apertar logo o trouxa.
TONHO — Devagar com o andar.
PACO — Devagar tudo. Vamos firme, que não tem mosquito.
TONHO — É preciso botar o plano.
PACO — Não, paca, pra que perder tempo com frescura? Do jeito que vier, a gente estrapalha e fim.
TONHO — Espera aí, Paco. Não se afobe.
PACO — Pense, mas você é cheio de frescura.
TONHO — Frescura, não. Só que não vou entrar a olho.
PACO — Vá então, desembucha logo sua bolada de uma vez.
TONHO — Não vamos assaltar um casal de namorados.
PACO — Ah! aí é legal.
TONHO — É o que tem de mais fácil. A gente fica em lugar escuro, os namorados vão ali pra bolinar, a gente ataca.
PACO — Pense, como você é bobalhão. Juro que nunca ia pensar que um troço legal desse lá sair de sua cachola. Pare por Deus, paca! Esse negócio que você falou é bafarado!
TONHO — Entende a jogada?
PACO — Estou matrininho por dentro. A gente limpa o sujeito, aponta ele e passa a mulher na cara.
TONHO — Ei! Nada disso!
PACO — Não morei nessa.
TONHO — Nada de fazer malidade com a moça.
PACO — Mas que malidade, sei?
TONHO — Essa de expor o sujeito e jogar da moça.
PACO — Essa que é a tua?
TONHO — Natural! Só estou a fim de arrastar dinheiro.
PACO — E daí? Se podemos tirar um sarro, não vamos dispensar.

TONHO — Assim mista o assalto.

PACO — Boneca é uma desgraça.

TONHO — Boneca, não. Vê lá como fala. Já me cascheu o saco essa história.

PACO — Deixa de onda. É Boneca mesmo. Agora tive a prova. Não querer mulher é o fim da picada.

TONHO — Não sou tarado.

PACO — É bicha.

TONHO — Eu nunca vou agarrar mulher à força.

PACO — Não vai agarrar de jeito nenhum. É bicha.

TONHO — Corta esse papo.

PACO — Vai mijar pra trás?

TONHO — Não faço acordo com tarado.

PACO — Nera eu com Boneca de Negrão.

TONHO — Errão cala a boca e fim.

PACO — Eu falo quanto quero. Não vai ser uma bichona que vai mandar em mim.

TONHO — Errão fala sozinho.

PACO — Se me der na telha, falo mesmo.

(PAUSA)

PACO — Como é?

TONHO — Nada feito.

PACO — Prova, mas é sua saída.

TONHO — Mas já vi que não vai dar certo.

PACO — Não seja afimado.

TONHO — Não adianta, já percebi.

PACO — Percebeu o quê?

TONHO — Que com você nada dá pé.

PACO — Como? Não sei por quê.

TONHO — Você é tarado.

TONHO — Eu só quero um sapato. Não vou desgraçar ninguém.

PACO — Não quer mulher?

TONHO — Na marra, não.

PACO — E você apanha de outro jeito?

TONHO — Claro. Sempre apantei. Lá na minha terra eu tinha uma namorada que era um estouro.

PACO — Lá na sua cidade todo mundo é fresco como você. Aqui nunca se vi com mulher.

TONHO — Natural. Quem é que vai querer namorar com um sapato assim? Com um sapato que é uma droga.

PACO — Isso é desculpa, mas em mim não gruda. Eu te namora.

TONHO — Você fala muito, mas eu também nunca se vi com uma mulher.

PACO — Mas eu... (ENCABULA, DEPOIS FICA BRAVO) Eu peço mulher sempre. Quando eu tocava flauta, eu sempre me dava bem. Pergunte pra qualquer um.

TONHO — Mentira sua! Você é um cabalo.

PACO — Eu sempre tenho mulher. Estão te dizendo. Tenho a hora que quiser, está bem?

TONHO — Tem nada.

PACO — Não sou Boneca de Negrão.

TONHO — Não anda de assalto.

PACO — Eu quero saber do assalto. Isso é que quero saber.

TONHO — Não vai ter assalto nenhuma, papulho.

PACO — Errão quem se dana é você.

TONHO — Problema meu. Agora, que você nunca teve mulher, eu sei bem.

PACO — Juro que tive.

TONHO — Teve coisa nenhuma.

PACO — Filho da puta!

TONHO — O pessoal lá no mercado precisa saber dessa história.

PACO — Vai ter coragem de aparecer lá? Vai, Boneca do Negrão?

TONHO — Vou lhe avisar uma coisa. Não me chame mais por esse apelido. Se chamar, vai ter.

PACO — Errão não faz onda comigo.

TONHO — Se você me encer o saco, eu encro o seu.

(PAUSA)

PACO — Espere o assalto?

TONHO — Vai assaltar sozinho, tarado.

PACO — Você não quer um pipaf?

TONHO — Pode deixar que eu cuido de mim.

PACO — Então cuida. Mas no mercado você não pode aparecer. (R1.)

(LUZ APAGA DEVAGAR. FIM DO QUARTO QUADRO.)

Quinto Quadro

(PACO ESTÁ DEITADO TOCANDO GAITA, ENTRA TONHO.)

PACO — Pôxa, onde você se meteu?

TONHO — Não tenho que te dar satisfação.

PACO — Você não apareceu no mercado. Eu vim aqui, não te achei. Eu precisava falar com você.

TONHO — O que você quer?

PACO — A gente precisa bater papo sobre o assalto.

TONHO — Nada feito.

PACO — Pôxa, a gente pode acertar o pi.

TONHO — Ou se estrepas de uma vez.

PACO — Mais embananado do que você já está, não vai poder ficar.

TONHO — Quando se está de azar, tudo dá errado.

PACO — Mas que nada! Tudo sai direito.

TONHO — Não conte comigo.

PACO — Pôxa, mas você está cheio de minhocas na cabeça. Vai ser molera.

TONHO — Então vai acalhar.

PACO — Mas você que está a perigo. O negócio não te esquece. Hoje ele queria vir aqui te apertar. Eu é que tirei ele de onda. Disse pra ele que você era legal, falei do assalto e tudo. Ele achou boa pedida. Vai até fazer um igual.

TONHO — Então vai com ele.

PACO — Ele me sacanear. Vai levar o Carocinho no meu lugar. Pôxa, aquele negão é cheio de chaveta. Me pensa pra trás direito.

TONHO — Pôxa, ele não é seu amigo?

PACO — Amigo o cacete! Eu não sou amigo de homem.

TONHO — Então que a polícia pegue ele.

PACO — Pega nada! O negão dá uma sorte bichara. Sempre tem um cara dando moleza pra ele. Arranhou você pra cafetina... E hoje o filho da puta me levou no bico. Dei toda a ficha do assalto pro desgraçado e ele não me deixou ir junto. Vai levar aquela besta do Carocinho, um miserável que não é de conta nenhuma.

TONHO — Bem feito, pra você aprender. Mas por que não deixaram você ir junto?

PACO — Foi o negão. Disse que eu sou muito porra-leuca.

TONHO — Nisso ele tá certo.

PACO — Tá certo o quê? Ele é uma besta, e aquele Carocinho vai entrar bem comigo. Não tinha nada que botar o nariz nessa jogada.

TONHO — Você é metido a malandro, mas todo mundo te leva.

PACO — Deixa isso pra lá. Vamos fazer o assalto, põxa! Uma troço legal pra gente fazer tá aí.

TONHO — Vai sorribo.

PACO — Sorribo não dá pé. Se o cara resolve encarar, é um contra um e engrossa tudo. Vamos nós dois. A gente fica mais perigoso que o negão e a besta do Carocinho. Dá, o negão tem que te ajudar.

TONHO — Eu não quero nem ouvir falar nesse negão.

PACO — Pôxa, mas como você vai se livrar dele? Só pegando nome de cara estopado.

TONHO — É... Sei lá... Esse negão é a minha desgraça.

PACO — Você podia apagar ele. Se você quiser, eu torno conta do Carocinho.

TONHO — Não, meu negócio não é esse.

PACO — Então tem que ser o assalto.

TONHO — Também não.

PACO — Vai querer voltar pra casa do papai com uma bichona?

TONHO — Que merda!

(TONHO ANDA NERVOSO DE UM LADO PARA OUTRO.)

PACO — Seu calda tem que ser o assalto. Você pode conseguir o plantio que quiser. Pode até fazer o cara ficar na e pegar a roupa dele pra você. É a sua chance, põxa!

TONHO — Olha, Paco, meu termo, se eu mandar no tintureiro, ainda queira um galho. Só preciso mesmo é de um sapato. Você podia emprestar o seu.

PACO — Neca! Pode tirar isso da cachola.

TONHO — Só por umas horas.

PACO — Não. Sua saída é o assalto. Você limpa sua cara, ninguém vai te chamar de Bonoca do Negão, nem nada.

(PAUSA LONGA.)

PACO — Pôxa, quem botou o negão foi você mesmo. (PAUSA) Não precisa do plantio?

TONHO — E você da flauta.

PACO — Então vamos pôr a cara.

TONHO — Podia ir. Mas se tivesse certeza de que você não ia bancar o tarado.

PACO — Logo eu? Mas que é isso? (PAUSA) Você está com bronca minha é toa. (PAUSA) A gente deixa a mulher pra lá. (PAUSA) Juro que não faço nada pra mulher.

TONHO — Você jura?

PACO — Juro por Deus.

TONHO — Jura que só faz o que eu mandar?

PACO — Pela alma de minha mãe. Quero que ela se dane de vende e amarelo no inferno, se eu te sacanear.

(PAUSA.)

PACO — Deixa de frescura e vamos logo.

TONHO — Ainda não sei se vou.

PACO — Então resolve logo.

TONHO — Pode dar azar.

PACO — Vamos firme. O negro e o Carocinho já devem estar lá.

TONHO — Não tenho nada a ver com eles. Quero que eles se danem.

PACO — Eu também. E o Carocinho, que se dane mais pra deixar de ser abelhado.

TONHO — Está bom. Vamos meter a cara e seja o que Deus quiser.

PACO — Boa, Tonho! Vamos nós.

TONHO — Mas tem um postém...

PACO — Se abre.

TONHO — Eu que mando mesmo.

PACO — Já falei que topa, puta.

TONHO — E se você se fixar de besta, te apromio um chuveiro.

PACO — Está bem, sen!

TONHO — Assaltamos os namorados e é só. Eu aponto o revólver, eles se apavoram, limpamos o cara e damos no pé.

PACO — Mas o revólver está sem bala. Você mesmo disse.

TONHO — Quem vai saber? Só se a gente contar.

PACO — E se o cara não puser o galho dentro? Pode ser um cara de briga e sair no pau. E a mulher pode gritar puta.

TONHO — Não grita, não. Vai por mim.

PACO — Se eles apavorarem, dou uma pancada na cabeça do desgraçado.

TONHO — Nada disso.

PACO — Se complicar, dou.

TONHO — Só faz o que eu mandar.

PACO — Mas, puta, se a mulher botar a boca no trombone? Quer que todo mundo flagre a gente com a boca na beija? Dou uma na cuca do cara e fim. Calam o bico na hora.

TONHO — Não precisa nada disso.

PACO — Se se assustarem, precha.

TONHO — Está bem. Se eu mandar, você dá.

PACO — Se gritarem, levam pau.

TONHO — Só se gritarem, então.

PACO — Puta, claro que é! Se ficarem bonzinhos, não precisa pancada.

TONHO — Veja lá o que vai apertar.

PACO — Deixa de frescura e vamos logo.

(PACO VAI SAIR, TONHO FICA SENTADO.)

PACO — Puta, você vai ficar aí parado?

(TONHO VACILA.)

TONHO — Acho que não tem remédio. Vamos nós.

PACO — Positivo! Vamos pra cabeça.

(PACO VAI SAIR, TONHO O SEGURO.)

PACO — Mas que é agora?

TONHO — Eu que mando, entendeu? Você só faz o que eu mandar! Entendeu bem? Eu que mando.

PACO — Claro, chefe. Você que manda. Mas vamos logo, chefe.

(OS DOIS SAEM. PANO FECHA.)

FIM DO PRIMEIRO ATO

II ATO

(Paco abre, não entrando Tarbo e Paco. O primeiro traz um par de sapatos na mão e, nos bolsos, as bagunças roubadas. Está bastante nervoso. Paco traz um porrete na mão e está alegre.)

TARBO — Agora apanha-me um par de sapatos.

PACO — Os sapatos não estão aqui não.

TARBO — O sapato que tenho é o mesmo que

PACO — É o meu primeiro.

TARBO — Vai buscar o sapato.

PACO — Que sapato? Sapato de sapato de sapato.

TARBO — Que sapato de sapato.

PACO — Paco, não! Sapato não Paco é o meu. Sapato

é o meu primeiro sapato.

TARBO — É o mesmo sapato de sapato?

PACO — Que sapato?

TARBO — Os sapatos são de sapato.

PACO — É o meu primeiro sapato.

TARBO — Os sapatos são de sapato.

PACO — Os sapatos são de sapato. Os sapatos são de sapato.

TARBO — Os sapatos são de sapato. Os sapatos são de sapato.

PACO — Os sapatos são de sapato. Os sapatos são de sapato.

TARBO — Os sapatos são de sapato. Os sapatos são de sapato.

PACO — Os sapatos são de sapato. Os sapatos são de sapato.

TARBO — Os sapatos são de sapato. Os sapatos são de sapato.

PACO — Não me aporrinha, seu! A mulher tinha cara de fúria, deve ser uma burra. De corpo ainda quebrava um galho. Mas de cara era um bofe. Não vai descrever ninguém.

TONHO — O único tubido é você.

PACO — Eu sou mesmo.

TONHO — Espere pra ver. Vai era cara duro.

PACO — Se eu for em casa, quem se estrepa é você.

TONHO — Quem destrubou o cara é que se dana.

PACO — E foi legal pra chacha. Pó!... E o cara caiu que nem um balão apugado.

TONHO — Podia ser muito fácil. Não precisava bancar o valente.

PACO — Bancar o valente, o cacete! Dei pra valer. Sou meu paca. Pra mim, não tem bom. Você viu no parque. O cara se fez de besta, tomou o dele.

TONHO — O cara não fez nada. Tomamos o que queríamos, era só vir embora. Não precisava bater.

PACO — Bati. E daí? Vai se doar por ele?

TONHO — Eu, não. Mas a polícia vai.

PACO — Você me trouxe o saco com essa história de polícia.

TONHO — Natural.

PACO — Natural o quê? Você está é cagado de medo.

TONHO — Claro. Eu não quero ser preso.

PACO — Cadeira foi feita pra homens.

TONHO — Não pra mim.

PACO — Você é melhor que os outros?

TONHO — Eu estudo.

PACO — Bêta merda! Pra levar a vida que você leva, tanto faz estar preso ou solto. (PAUSA) E tem um negócio: Se um cara fresco como você vai em casa, está perdido e mau pago. A turma se serve de tua casta. Logo vira a Boneca de todos. Mas disse achô que você vai até gostar, porque é bicho mesmo.

TONHO — Tomara que a polícia te pegue logo.

PACO — Já te falei que se me pegarem o azar é seu.

TONHO — O meu negócio é leve. Uns três meses. Agora você fica apodrecendo lá.

PACO — Não sei por que eu vou ficar mais tempo que você.

TONHO — Eu sei. Você mora violenta. É perigosa. Fica guardado.

PACO — Você é o chefe.

TONHO — Quem tem chefe é índio.

PACO — No assunto do parque você era o chefe.

TONHO — Não era chefe de coisa nenhuma.

PACO — Claro que era, pô! Você ficou aí batendo um capetão de tempo. (IMITA TONHO) Eu é que mando! Na minha terra quem manda é o chefe.

TONHO — Cirinha!

PACO — É a mãe.

TONHO — Nejento.

PACO — Nejento é você, que quer tirar o lá da seringa.

(PAUSA)

TONHO — Deus queira que você não tenha machucado muito o cara.

PACO — Não fica secando. Aquela merda é fim.

TONHO — Você quer que o cara morra?

PACO — Claro, pô! A porrada que eu dei foi pra matar.

TONHO — Você é um animal.

PACO — Vá à merda!

TONHO — Eu vou dar o fora. Agora que eu tenho o meu sapato, posso me arrumar. Posso, não. Vou. Arrumo um emprego de gente e ajito a vida.

PACO — E eu?

TONHO — Quero que você se dana!

PACO — Você se arranja e eu fico jogado fora?

TONHO — Problema seu.

PACO — Pô, você não vai se arrumar de minhas custas.

TONHO — Deixa de onda. Eu nunca mais vou querer escutar falar de você. Não te aturo mais.

PACO — Mas vai ter que engolir. Vai escutar muito falofofo de mim.

TONHO — Essa, não.

PACO — Não? Você vai ver. Você não me conhece. Eu sou mais eu. Eu sou Paco. Cara estrepado. Buita como a porco. Agora vou ser mais eu. Se o desgraçado do parque se dançou, melhor. Minha faga vai sair em tudo que é jornal. Todos vão se apavorar de saber que Paco, o perigoso, anda solto por aí.

TONHO — Você é um maluco.

PACO — Boa! Paco Maluco, o Perigoso. Assim que eu quero que os jornais escrevam de mim. Vai ser logo. Os moradores do parque não vão ter sossego. E a dragagem nunca me apanha. Pode espalhar por aí que Paco Maluco, o Perigoso, disse que não nasceu polícia pra pegar ele. Daqui pra frente, vai ser buco. Como chefe você era uma droga. Cheio de grilo, cheio de bato, mas não era de nada. Mas tem um porém: Só pra você não dizer que eu sou sonegador, vou te botar de segundo chefe. Você vai ajudar a manejar a moçada.

TONHO — Que moçada, papalho?

PACO — Dobra a língua, filho de uma vaca! Papalho é a tua mãe. Com Paco Maluco, o Perigoso, você tem que ter cuidado ou cai do burro. Vou te dar uma colher de chá, mas abre o teu olho. Se folgar, leva ferro. Você vai ser o segundo chefe pra ajudar a tomar conta da moçada que eu vou botar no novo ganga. Paco Maluco, o Perigoso, quer ser chefe de muita gente.

TONHO — Acabou?

PACO — Não. Tem mais. Daqui pra frente, não vamos assaltar só por dinheiro. Eu quero a mulher também. Vai ser um negócio legal. Eu vou ter uma faga, um resolver e meu alente. Limpou o cara, daí mando ele ficar na na frente da mulher. Daí, digo pra ele: Que postura, miserável! Um tiro, uma facada ou um beliscão! O cara, temendo de modo, recolhe o beliscão. Daí eu peço o alente e aperto o saco do bruto até ele se arrear. Paco Maluco, o Perigoso, fala macio pra a mulher. Agora não, belarinha. Começo a belinar a

garanta, beijo ela pelo, deixo ela bem sadada e derrobo ela ali mesmo no parque. Legal!

TONHO — Agora acabou?

PACO — Quer mais?

TONHO — Escuta bem, então, Paco Maluco de merda. Você é nojento. E não pensa que eu sou o cara do parque. Se você se fuder de bosta comigo, eu te acerto. E pra seu governo, não estou disposto a te aturar. E antes que eu me esqueça, manda mais entro noutra foto dessa.

PACO — Vai mijar pra trás? Já sabia. Bicha é assim mesmo.

TONHO — Já te avisei.

PACO — Que é? Vai engrasnar por quê? É bicha mesmo.

TONHO — É melhor deixar de frescura comigo.

PACO — Quem tem frescura é você, que é bicha.

TONHO (AVANÇA PARA PACO) — Canalha!

PACO (PEGA O PORRETE) — Vem! Vem, viado!

(TONHO PARA.)

PACO (ZOMBA) — Como é? Afrou?

TONHO (SE CONTENDO) — Vamos dividir a moanha. Quero ir embora.

PACO — Vai cair fora?

TONHO — Já vou tarde. Cancelei de aturar você. (PÔE AS BUGIGANGAS NA CAMA DE PACO) Está tudo aí. Vamos repartir de uma vez.

PACO — Vira o bolso.

TONHO — Está tudo aí. Vamos repartir e pronto.

PACO — Vira o bolso, e não entica o papo. Não adianta querer me engrapar. Tenho noventa anos de janelá.

TONHO (VIRA OS BOLSOS PARA FORA) — Está contente?

PACO — Não venha com truque.

TONHO — Vai ser tudo mais a meio.

PACO — Assim é que é.

TONHO — Metade da grana pra cada um. (CONTA O DINHEIRO E DÁ A PARTE DE PACO) A carteira pra mim, o relógio pra você. (CADA UM PEGA O SEU) O anel pra

mim, o laqueiro pra você. (CADA UM PEGA O SEU.) O broche pra mim, a pulseira pra você. (CADA UM PEGA O SEU.) Os brincos pra você, a caneta pra mim. (TONHO VAI PEGAR, PACO SEGUIR A MÃO DELE.) Que é?

PACO — A caneta vale mais.

TONHO — É daí? O relógio que ficou pra você vale mais que a carteira.

PACO — É igual.

TONHO — Não é, não. O relógio vale mais.

PACO — A caneta é minha. O brinco é sua.

TONHO — Mas o que você vai fazer com a caneta, Paco? Você não sabe escrever.

PACO — Vou vender.

TONHO — Vende o brinco.

PACO — Pra quem?

TONHO — Sei lá!

PACO — Só se for pra alguma bicha.

TONHO — É daí? Então vende.

PACO — Como a única bicha que conheço é você, fica com o brinco, e eu, com a caneta.

TONHO — Não faz onda, misérvil.

PACO — Não é onda e não tem amplexo.

TONHO — Vou topar pra evitar encrenca.

PACO — Melhor pra você.

TONHO — Você fica com o cinto, e eu, com o sapato.

PACO — E no teu rabo não vai nada?

TONHO — Que é agora?

PACO — Pensa que vai me levar no bico?

TONHO — Não penso nada. Só quero o sapato.

PACO — Fica querendo.

TONHO — Mas só fixo o assalto por causa do sapato.

PACO — E eu pela flauta.

TONHO — É você não tá querendo que o cara tivesse namorando com a flauta tá não.

PACO — De longe eu pensei que a mulher tivesse pegan-

do a flauta do cara. (RL.) Quando cheguei perto é que vi que não era flauta. (RI.)

TONHO — Muito engraçado.

PACO — E agora, como vai ser?

TONHO — O sapato é meu.

PACO — E a minha flauta?

TONHO — Sei lá!

PACO — Você pensa que eu sou trouxa? Você arruma o seu pisante e eu fico sem a minha flauta? Barata pra você.

TONHO — Poxa, vende tudo e compra a flauta.

PACO — Assim ainda vi lá.

TONHO — Tá vendo, falando a gente se entende.

PACO — Sempre digo isso, mas parece que eu falo gringo, você custa pra morar no assunto.

TONHO — Bem, está tudo certinho.

(PACO COMEÇA A PEGAR TODAS AS COISAS.)

TONHO — Você está pegando as minhas coisas.

PACO — Que suas coisas?

TONHO — Pegou minha carteira e meu broche.

PACO — Seu, terra qual?

TONHO — Mas não ficou tudo acertado?

PACO — Claro que ficou.

TONHO — Então deixa as minhas coisas aí.

PACO — Só o sapato é seu. O resto é meu.

TONHO — Não se faz de besta.

PACO — Foi você mesmo quem quis.

TONHO — Éu, não.

PACO — Como não? Você falou: Vende tudo e compra a flauta.

TONHO — Tudo que é seu.

PACO — Muito malandro, você. Mas corriga, não. Escutei bem. Não sou surdo.

TONHO — Vamos, passa pra aí minhas coisas.

PACO — Está brincando?

TONHO — Não força a paciência!

PACO — Vou dar um jeito só pra encerrar o assunto. Mas não vai ser como você está pensando. Vai ser tudo muito a mano mesmo.

TONHO — Então anda logo.

PACO — Metade da grana pra cada um. Relógio, loqueira, cassetê e carteira, pra mim. Pulcra, anel, broche e cinta pra você. Tapa?

TONHO — O brinco pra você, o sapato pra mim.

PACO — Não! Um brinco pra você, outro pra mim. Um pé de sapato pra você, outro pra mim.

TONHO — O sapato é meu.

PACO — Um pé pra cada um.

TONHO — Não seja burro. O que é que eu vou fazer com um pé de sapato?

PACO — Não sei, nem quero saber.

TONHO — O sapato é meu. Eu já falei mais de mil vezes. Eu só entrei nesse assunto por causa dele e vou ficar com ele.

PACO — Então o resto é meu.

TONHO — O resto não é meu.

PACO — Aqui pra você! (FAZ GESTO.) Ninguém me leva no tapa.

(PAUSA.)

TONHO — Está bem, Paco. Fique com tudo. Você me levou no bico, mas não faz mal.

PACO — Tapei nada. O sapato vale mais.

TONHO — Vale, uma oval!

PACO (RINDO) — Está bem! Te levei no bico. Mas não precisa chorar, não. Qualquer um é passado pra trás por Paco Maluco, o Perigoso.

(PACO EXAMINA AS COISAS. E TONHO COMEÇA A SE PREPARAR PRA IR EMBORA. PEGA UM JORNAL DE DEBAIXO DA CAMA, ESTICA E COMEÇA A EMBRULHAR AS SUAS COISAS.)

PACO — Olha, pega os brinco pra você.

(PACO JOGA OS BRINCOS EM CIMA DA CAMA.)

PACO — Quando for sair de brincos, avisa. Quero ver a bicha toda enfeitada. Vou morrer de rir.

(PAUSA.)

PACO — Está juntando suas drogas?

(TONHO NÃO RESPONDE.)

PACO — Pensa que vai embora?

TONHO — Pensa, não. Vou.

PACO — Você não pode ir.

TONHO — Quem falou?

PACO — Eu.

TONHO — Bêta merda!

PACO — Pô é, mas você não vai se machucar.

TONHO — É por que não?

PACO — Porque não temo que ficar juntos.

TONHO — Você é besta. Não se aguenta nem mais um minuto.

PACO — Mas vai ser que agüentar. Onde vai um, vai o outro.

TONHO — Não me faça rir. Só de olhar pro teu facinho, me dá vontade de vomitar.

PACO — Poxa, você quer se largar pra me entregar pra polícia. Pensa que eu não sei?

TONHO — Eu nunca iria isso.

PACO — Não confie em bicha.

TONHO — Bicha é você. E se não confia em mim, vai ter que confiar. Vou me arrancar e não quero nem saber.

PACO — Você está com pirra de entregador. Veja lá, vagabundo!

TONHO — Pode ficar sossegado. Só vou ir mesmo porque não te aturo mais.

PACO — Nem eu aturo você.

TONHO — Melhor assim. Cada um vai pro seu lado.

PACO — E se você me agüentar?

TONHO — Você faz o mesmo comigo.

PACO — E faço mesmo.

TONHO — Então pronto.

PACO — Pronto. (PAUSA.) Você vai se machucar já?

TONHO — Agora mesmo.

PACO — Donne aí hoje. Já pagou o quarto mesmo.
 TONHO — Não quero nem saber. Vou já.
 PACO — Pôxa, mas você não tem lugar pra ficar.
 TONHO — Me tira.
 PACO — Pra onde você está querendo ir?
 TONHO — Não é da sua conta.
 PACO — Eu sei que não é, mas você podia dizer.
 TONHO — Pra quê?
 PACO — Pra mim ir lá de vez em quando bater um papo
 rinho com você.
 TONHO — Pra você me ensinar o saco? Nunca!
 PACO — Não é isso. É que alguém pode me dar alguma re-
 cado pra mim te dar e eu vou lá te falar. Você não lembra
 daquele dia que aquele crânio lá no mercado falou que ia
 te arrebentar de tanta porrada que ia te dar e que eu vim
 se avisar e você foi lá e limpou a tua cara com ele? Se não
 fosse isso, ele ia te apagar.
 TONHO — Aquilo era naquele tempo. Agora não quero sa-
 ber nem de rapão, nem de mercado, nem de droga nenhuma.
 PACO — Sorri sua, então.
 (PACO SENTA-SE NA CAMA. PAUSA.)
 TONHO — Escuta, Paco. Eu vou cuidar da minha vida.
 Agora que tenho sapato, vou me acertar. Estou cansado
 de curtir a pior aqui na rampa. Vê se você também se ajei-
 ta, compra a tua flauta e se arranca daqui. Aqui não dá fu-
 turo.
 PACO — Eu vou comprar um revólver e uma faca, pra po-
 der ser o perigoso dos namorados.
 TONHO — Sua cabeça é seu guia. Mas é melhor você con-
 seguir a sua flauta.
 PACO — Só se for pra atropelar em você. Meu negócio é o
 revólver, que bota a razão do meu lado.
 TONHO — Você é que sabe.
 PACO — Sei de mim. Isso é que é.
 COMEÇA A TOCAR A GAITA. TONHO ACABA DE
 FAZER SEU EMBRULHO E COMEÇA A CALÇAR SEU

SAPATO, QUE NÃO ENTRA NO SEU PÉ, PORQUE É
 MUITO PEQUENO.)
 TONHO — Pôxa, é pequeno pra mim.
 PACO — Que é? Não quer entrar?
 TONHO — É pequeno.
 PACO (RINDO-) — Pôxa! Molha o pé.
 TONHO — Pra quê?
 PACO — Talvez seu pé encolha. (R.)
 TONHO — Já chega essa droga. Vê se não me ensina o saco!
 PACO — Pôxa, quem manda ter a patola do tamanho de
 um bonde? (R.)
 (TONHO INSISTE, MAS NADA CONSEGUE.)
 TONHO — Só consigo acenar uma coisa dessa.
 PACO — Você é pé frio.
 TONHO (BATE NA MADEIRA.) — Pé-dito, o cacete!
 PACO — Uouu tanto tempo a para dentro daquele casaco fu-
 rado, que esfriou o pé.
 TONHO — Pombas!
 PACO — Pior é que vai ter que continuar usando o pie-
 to velho.
 TONHO — Que azar!
 PACO — No próximo assalto, pergunta o número que o
 desgraçado calça.
 (TONHO TENTA MAIS UMA VEZ, NADA CONSEGUE.)
 PACO, DIANTE DO NOVO FRACASSO, DELIRA DE
 ALEGRIA.)
 PACO — Corta o bico do pipu. Vai de dedão de fora, mas
 vai. (R.)
 TONHO — Não enche, pôxa!
 PACO — Está brava, hehehehe! Por causa do pédo?
 (TONHO FICA EM SILÊNCIO, OLHANDO COM TRIS-
 TEZA PARA SEU SAPATO.)
 PACO — Não vai se mandar?
 TONHO — Com essa droga não dá.
 (PACO ESTOURA DE RIR. COMEÇA A DANÇAR E
 A CANTAR.)

PACO — A bichona tem pato grande
A patola da bicha é grande
Grande, grande, grande
A patola da bichona é grande
Ou o sapato é pequeno?

TONHO (CONTÉM-SE) — Escuta, Paco.

PACO — Pata, patola.

TONHO — Você vê que arar que eu dei?

PACO — Agora você tem que fazer outro assalto.

TONHO — Não quero mais saber desse negócio. Eu só entrei nessa jogada porque precisava do sapato.

PACO — Poxa, chorar não adianta nada. Vamos sair pra outra.

TONHO — Pra mim, não dá mais. Não tenho estômago pra essas coisas. Eu estudei, Paco. Só tive aquela infeliz ideia do assalto porque precisava mesmo do sapato. Eu quero ser como todo o mundo, ter um emprego de gente, trabalhar.

PACO — Poxa, se você quer ser odirio como todo o mundo, vai. Mas não começa a chorar, que isso me enche o saco.

TONHO — Mas como é que eu vou, se essa droga não me serve?

PACO — Só tem uma saída.

TONHO — Qual é?

PACO — Fazer outro assalto.

TONHO — Assalto não é saída. A gente faz um agora, vai bem. Amanhã faz outro, acaba se estrepando. Quando sai da cadeia, está ruim de vida novamente, tem que apelar novamente, mais uma vez. Assalto não resolve. Assalto é uma roda-viva que não para nunca.

PACO — Então você está estrepado de verde e amarelo.

TONHO — Exata. Mas sei o remédio. Você pode me ajudar.

PACO — Já vou te ajudando que não sou corno.

TONHO — Já sei. Nem quero que você pense que estou querendo te enrolar.

PACO — Então desembucha de uma vez.

TONHO — Está bem. Olha, esse sapato aqui é pequeno pra mim.

PACO — Já sei disso.

TONHO — Eu sou mais alto que você, tenho o pé um pouco maior que o seu.

PACO — Poxo maior, o sacote! Sua patola só entra na minha lanchar.

TONHO — O que interessa é que você é mais baixo. Esse sapato deve te servir.

PACO — Quer vender? Mas eu já tenho pé.

TONHO — Eu sei. Mas o seu sapato é um pouco grande pra você. Pra mim, que sou mais alto, ele deve servir direitinho.

PACO — E daí?

TONHO — A gente podia trocar de sapato.

PACO — Você é leso? Poxa, eu acho que ficou goiaba.

TONHO — Mas que tem? É uma troca legal. Você me ajuda, nós dois ficamos com sapato e eu posso ir cuidar da minha vida.

PACO — Eu quero que sua vida se dane.

TONHO — Mas, Paco, esse sapato serve direitinho em você!

PACO — E daí? Eu sou Paco Maluco, o Perigoso. Uso o sapato que eu quero.

TONHO — Mas é só pra me dar uma colher de chá.

PACO — Mas que colher de chá? Não sou igreja!

TONHO — Poxa, não custa nada trocar de sapato.

PACO — Você pensa que é muito malandro, mas da escola que você andou eu fui expulso. Quando você está indo, eu estou voltando. Sou vivo para.

TONHO — Ninguém quer te enganar.

PACO — É mesmo que quiserem, não ia conseguir, bichona. Você é malandro lá pra tem muitas, mas comigo, não!

TONHO — É aí que você acha que eu quero te enganar?

PACO — Está na cara, bichona. A gente troca o piurro, você se manda. Quando os titas te pegam, você sai bem, não tem nada com o assalto. E eu vou andando pela rua com essa droga, a mulher com cara de feiinha vê o pé, bota a boca no trombone e é o fim do Paco Maluco, o Perigoso.

(PAUSA.)

PACO — Que dia, bichona? Queria me lavar no rio, mas não deu, né?

(TONHO FICA SENTADO NA CAMA OLHANDO PARA O CHÃO.)

PACO — Se tem uma saída. É fazer novo assalto. (PACO ENCHE BEM O SACO DE TONHO.) Agora, se a bichona não quiser, se tiver medo das tiras, vai acabar andando descalça por aí. Pora, vai ser guiado para ver a bichona descalça, de brinco na orelha, rebolando o bundão. Quando ela passar no mercado então é que vai ser legal. Pira todo. A moçada vai se divertir. Eu, então, vou capar de rir de ver a bichona. Todo mundo vai gritar. (FALA COM VOZ FINA.) Tonha! Tonha, Bichona! Maria Tonha, bichona louca! (RL) Tonha Bichona, arruma um coronel velhaco, ele pode te dar um sapatinho de salto alto. (RL) Pora, está aí uma saída pra você, Tonha Bichona.

(PACO SACODE TONHO.)

PACO — Estou falando com você, bichona. Falei que você pode arrumar um coronel velhaco e ele te dá um sapatinho de salto alto. (RL) Não vai arrumar? Você vai ficar uma boneca de salto alto e brinco na orelha. Pora, Maria Tonha Bichona Louca, você não agradece?

(TONHO ESTÁ CONTIDO, MAS BEM NERVOSO.)

TONHO — Pelo amor de Deus, Paco, me deixa em paz! Me deixa em paz!

PACO — Ai, ai, como a bicha é nervosa!

TONHO (NERVOSO) — Estou te pedindo, Paco. Pelo amor de Deus, me deixa em paz. (CHORANDO.) Minha vida é uma merda, eu já não aguento mais. Me espere. Não quer trocar o sapato, não troca. Mas cala essa boca. Será que você não compreende? Eu estudei, quero ser alguma coisa na puta da vida. Estou cansado de tudo isso. De comer mal, de dormir nessa joça, de trabalhar no mercado, de te aturar. Estou farto! Me deixa em paz! É só o que te peço.

Pelo amor de Deus me deixa em paz! (ESCONDE A CABEÇA ENTRE AS MÃOS E CHORA NERVOSAMENTE.)

PACO — Ai, ai, como a Tonha Bichona está nervosinha.

TONHO — Por favor, Paco. Chega! Chega!

PACO — Chega uma oval! Não tenho que aturar sua choradeira! Pira de chorar, anda!

(TONHO SE CONTÉM. ESTÁ LÍVIDO. OLHA FIXAMENTE PARA PACO.)

PACO — Assim. Bicha tem que obedecer. Não gosto da choradeira de bicha. Não gosto da sua droga de vida, se dane! Dá um tiro nos canos e não enche mais o saco dos outros. Quer continuar respirando, continua, mas ninguém tem nada com a sua aporrinhado. Precisa de alguma droga? Desaperta de arma na mão. Para que serve esse revólver que você tem aí? Usa essa porcaria! Ou se mata, ou aponta pra cara de algum filho da puta, deixe que andem por aí, e torna o que você quiser! Mas eu não quero mais escutar choradeira. (PAUSA)

TONHO — Você tem razão. (PEGA O REVÓLVER E FICA OLHANDO FIXAMENTE PARA A ARMA.) Você nunca mais vai escutar eu chorar. Nem você, nem ninguém. Pra mim, não tem escolha. O que tem que ser é. (CONTINUA OLHANDO A ARMA.)

(PAUSA)

PACO — Esse revólver não tem bala.

TONHO — Eu sei. Mas é bom botar uma bala no tambor. (TIRA DO BOLSO DA CALÇA UMA BALA E A OLHA FIXAMENTE. ANTES DE COLOCÁ-LA NO TAMBOR.) Como vê, Paco, agora não falta nada.

(PACO ESTÁ SENTADO NA CAMA, MEIO ASSUSTADO.)

(PAUSA)

PACO — Que vai fazer?

TONHO — Estou pensando.

PACO — Você vai se matar?

(PAUSA)

PACO — Você vai se matar?

(PAUSA)

PACO — Vai acabar com você mesmo?

TONHO (SEM PAUSADO) — Vou acabar com você, Paco.

PACO — Como? Posa, como? Mas eu não te fiz nada.

TONHO — Você disse que eu era bicha.

PACO — Estava brincando.

TONHO — Pois é. Mas seu brinquedo me enche o saco.

PACO — Posa, se você não gosta, mira a brincadeira e pronto.

TONHO — Você é muito chato, Paco.

PACO — Eu juro. Juro por Deus que conto a orela. Juro!

TONHO — Também preciso de um par de sapatos. O que eu tenho não serve pra mim.

PACO — O meu lhe serve. A gente troca de sapato.

TONHO — Eu não preciso disso, Paco. Basta eu apertar o burro pra alguma cara e ele virá o meu. É só eu querer.

PACO — Posa, Tonho, nós sempre fomos parceiros. Você sempre foi um cara legal. Não vai fazer papelleio comigo agora.

TONHO — Paco, você é um monte de merda, você todo. Você é nojentão.

PACO (FORÇANDO O RISO) — Você quer me gozar.

TONHO — Vou acabar com a sua rapa, vagabundo.

PACO — Mas, posa... posa...

TONHO — Você se apagar, canalha.

PACO — Escuta, Tonho... Eu... posa... eu... não te fiz nada...

TONHO — Vai se acabar aqui, Paco.

PACO — Tonho, você não pode me sacanear... Não pode...

(TONHO VEM AVANÇANDO LENTAMENTE PARA JUNTO DE PACO)

PACO — Mas, posa, Tonho... Nós sempre fomos amigos...

TONHO — Quem tem amigo é puta de zona.

PACO — Escuta, Tonho...

TONHO — Cala a boca.

(PAUSA)

TONHO — Assim. Agora acabou a sua boca-dura. Vamos ver como está a sua malandragem. Cadê o dinheiro, a carne-

ta, o laqueiro, a cinta, o relógio, o anel, o broche, a pulseira? Anda, quero tudo. Não esqueça?

(PACO PÕE TUDO SOBRE A CAMA.)

TONHO — Tira o sapato, varras.

PACO — Meu... sapato...

TONHO — Passa pra cá.

(PACO TIRA O SAPATO.)

TONHO — Agora vamos dividir tudo. Meio a meio.

PACO — Claro. Posa... assim que tem que ser.

TONHO — Tudo pra mim. O brinco pra você.

(TONHO JOGA O BRINCO EM CIMA DE PACO.)

TONHO — Acabou sua malandragem. Bota essa droga na orelha!

PACO — Posa, Tonho... Isso é sacanagem.

(TONHO ENCOSTA O REVÓLVER NA TESTA DE PACO.)

TONHO — Não convence e faz o que eu mando.

(PACO PÕE O BRINCO.)

TONHO — Agora anda pra lá e pra cá. Anda! É surdo, desgraçado?

(PACO ANDA.)

TONHO — Rebola! Rebola, miserável, rebola!

PACO — Escuta, Tonho... Isso não!

TONHO — Rebola! Rebola, filho da puta!

(PACO ANDA REBOLANDO. ESTÁ QUASE CHORANDO.)

TONHO — Bicha! Bicha sem-vergonha! Ria, bicha! Ria.

(PACO RI A SUA RISADA MAIS PARECE CHORO.)

TONHO (SEM RIR) — Estrou cagando de rir de você, bicha louca!

(PACO COMEÇA A CHORAR.)

PACO — Posa, Tonho, não faz isso comigo. Posa, Tonho! Pelo amor de Deus! Não faz isso comigo!

TONHO — Cala a boca!

PACO — Tonho... eu...

TONHO — Fecha o bico.

(PAUSA)

TONHO — Cadê o alicate?

(PACO TREME.)

TONHO — Dá o alicate!

(PACO ENTREGA O ALICATE.)

TONHO (FRIO) — Vou acabar com você. Mas te dou uma chance. Prefere um tiro nos corações ou um beliscão? Só que o beliscão vai ser no saco com o alicate. E enquanto eu aperto, você vai ter que tocar gaita.

(PAUSA)

TONHO — Anda, escolhe logo.

(PACO CAI DE JOELHOS.)

PACO — Pelo amor de Deus, não faz isso comigo. Pelo amor de Deus... Juro... Eu juro... eu não te encicho mais o saco... Nunca mais... Pelo amor de Deus, deixa eu me arrancar... Ué... eu juro...

TONHO — Cala a boca! Você me dá nojo.

(TONHO COSPE NA CARA DE PACO.)

(TONHO ENCOSTA O REVÓLVER NA CARA DE PACO E FUZILA.)

TONHO — Se acabou, malandro. Se apaguei. Foi pras picas.

(PACO VAI CAÍDO DEVAGAR. TONHO FICA ALGUM TEMPO EM SILÊNCIO, DEPOIS COMEÇA A RIR E VAI PEGANDO AS COISAS DE PACO.)

TONHO — Por que você não ri agora, paspalho? Por que não ri? Eu estou encorajando de ri! (TOCA A GAITA E DANÇA.) Até danço de alegria! Eu sou mau! Eu sou o Tonho Maluco, O Perigoso! Mau paia!

(PEGA AS BUGIGANGAS E SAI DANÇANDO.)

(PANO FECHA.)

O abajur lilás

peça em dois atos de PLÍNIO MARCOS

personagens

DILMA
GIRO
CELA
LENINHA
OSWALDO